Memória Musical
do sudoeste da Bahia

Ano I, nº 01 - julho de 2022

* DISTRIBUIÇÃO GRATUITA *

Produção 100% independente,
por Plácido Oliveira Mendes
http://linktr.ee/placidomendes

SITE OFICIAL:
http://memoria.distintivoblue.com

Todos os links:
http://linktr.ee/memoriasudoeste

Instagram / Twitter / Mixcloud:
@memoriasudoeste

Museu do Rock Conquistense
Instagram: @museudorockvca

Contatos:
memoria@distintivoblue.com
WhatsApp: (71) 98510-2502

Grupo de Discussão e Colaboração
(WhatsApp): https://bit.ly/gdcmemoria

Distintivo Blue - site oficial:
www.distintivoblue.com

Facebook / Twitter / YouTube /
Instagram: @distintivoblue
contato@distintivoblue.com

Todos os links:
http://linktr.ee/distintivoblue

APOIE NOSSA PESQUISA

Nosso trabalho se dá de forma inteiramente independente, através de recursos próprios. Por isso, contamos com o seu apoio. Colabore enviando-nos seu material, sua história, um Pix ou mesmo patrocinando a impressão de uma nova tiragem de zines. Contatos logo acima.
Chave Pix: memoria@distintivoblue.com

ZINE É CULTURA

Editorial

Bem-vindo(a)! Você tem em mãos a materialização de um sonho: a zine do projeto Memória Musical do Sudoeste da Bahia, *online* desde 30/12/2019, com o objetivo de preservar a memória musical da nossa região, bem como fomentar iniciativas de pesquisa, divulgação e, principalmente, encurtar distâncias entre artistas e público, sobretudo artistas independentes, sem o apoio da chamada "grande mídia", enfatizando, ainda, o trabalho autoral.

Nossa zine surge após anos de experiências semelhantes com o blues brasileiro, através da *BLUEZinada!*, lançada em 2011 pela banda Distintivo Blue em um importante festival independente local. Com o tempo, essa zine tornou-se um premiado portal sobre blues brasileiro e um *podcast* (o primeiríssimo de Conquista), que durou um ano. Tudo feito com muito amor, suor e a eterna premissa do "faça você mesmo", praticamente sem qualquer apoio.

Agora, direcionamos a pesquisa à nossa terra: o sudoeste baiano e seu riquíssimo universo musical. Chegamos a levar o recorte do rock ao universo acadêmico, resultando na dissertação *A vez dos camisas pretas: memória, formação e consolidação da cena rock de Vitória da Conquista-BA*, recém-publicada e disponível para *download* gratuito em nosso site e no do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. Esta zine celebra e representa o avanço nessas pesquisas, bem como a consciência de que ainda há MUITO a se fazer nesse sentido. E, ainda, que iniciativas individuais e espontâneas são fundamentais: o "esperar pelo outro" não costuma demonstrar muita eficácia.

As zines foram relativamente populares no século passado e funcionaram muito bem como veículos independentes de comunicação e expressão. Em tempos digitais, talvez inspirem certa estranheza (calma! Também temos uma versão digital), mas a ideia é justamente (re)lembrar a existência de todo um universo oculto para além das redes sociais e séries de TV. Há muita riqueza cultural onde vivemos, e devemos explorá-la. Nem tudo precisa ser tão momentâneo. Por isso, se gostar deste conteúdo, guarde com carinho e colecione. Se não, sem problema: apenas passe adiante.

Aqui, falamos de todos nós: nossa cultura, nossa história e nossa memória enquanto comunidade. Por isso, este espaço também deve ser construído e difundido por você. Sigamos juntos! ■

Plácido Oliveira Mendes é conquistense. Mestre e doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade; licenciado em História e bacharelando em Direito, todos pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Cantor, compositor e produtor musical independente há duas décadas. À frente da banda Distintivo Blue, sob o pseudônimo I. Malförea, desenvolveu a BLUEZinada!, projeto *multimídia* de fomento ao blues, sobretudo nacional e autoral. Em 2020, passou a se autoproduzir enquanto *one-man-band* sob o cognome Joe Malfs Clan. Desde 2019, debruça-se sobre o projeto *Memória Musical do Sudoeste da Bahia*, com ênfase na cena rock conquistense (*Museu do Rock Conquistense*).

Imagem da vez

A banda conquistense Café com Blues no traço do cartunista paulistano Bira Dantas, em 2007.

Discografia

Artista: Grupo Barros [Vit. da Conquista-BA]
Álbum: Primeiro Querer [1991]

Um clássico da nossa música regional. No início da década de 1990, os irmãos Gil e Dão Barros (falecido em 2010), em companhia de amigos, lançaram *Primeiro Querer*, único registro em estúdio do Grupo Barros, bastante conhecido em festivais da época, em uma belíssima homenagem ao irmão Carlos Barros, falecido em 1989, com seis canções de sua autoria. ‘‘Cantar as bramuras de Carlos Barros é reviver todas as nossas andanças durante vários anos por esse vasto trecho chamado Brasil’’, dizem Os Barros na contracapa do disco. Na sonoridade, os inconfundíveis timbres dos instrumentos fabricados pelos próprios artistas. Atualmente, é possível conferir o trabalho completo nas principais plataformas de *streaming*.

Produção - Gil Barros
Técnico de gravação - Paulinho Horta
Técnico de Mixagem - Sérgio Murilo
Estúdio - Áudio Digital [Belo Horizonte-MG]
Mixagem - Gil, Dão, Sérgio e Cristiano
Direção musical - Gil e Dão
Arranjos - Gil, Dão e Carlos Barros
Capa - Nalva Fernandes
Contracapa - Gil, Dão e Nalva
Encarte - Romeu Ferreira

Entrevista

Mazinho Jardim

Foto: Divulgação SS-433 2009 (recorte)

Morando atualmente na cidade de Vizela, Portugal, e longe da Bahia há cerca de uma década, o lendário gaitista e vocalista da banda SS-433, aos 62 anos, nos concedeu, no início do ano, uma entrevista de cerca de uma hora, como parte da nossa pesquisa sobre a cena rock local. Confira, em primeira mão, alguns trechos:

@memoriasudoeste - ***Quando começou sua relação com Vitória da Conquista e a música?***

Mazinho - Nasci em Condeúba, em 20 de agosto de 1959 mas, com uns três anos de idade, fui para Conquista, Nessa ocasião, não tinha nem ideia sobre música. Soube agora, depois de 50 anos, que meu pai tocava tuba, numas reuniões em Condeúba, depois que chegou da guerra. De lá, lembro coisas muito vagas. Eu gosto mesmo de lembrar é de Conquista, que eu me sinto conquistense. Fui morar na Praça da Saudade, em frente ao cemitério. E relacionado à música, lembro do Vivaldo, Caetano, músicos veteranos, que não sei se ainda estão em atividade. Eu gostaria muito de ter vivido só de música mas, infelizmente, não foi possível.

@memoriasudoeste - ***De onde surgiu o interesse pela gaita blues?***

Mazinho - Meu irmão, Massa Bruta, que mora em Minas, tocava uma Sonhadora, uma gaita enorme, e eu achava aquilo legal quando era pequeno. Ouvia, mas não me interessei por fazer, porque era muito novo. Só depois me interessei por tocar uma música ou outra, *Asa Branca*, coisas assim. Blues e rock eu fui ter mesmo em 1982, quando fundei a SS-433 com Arodir Assis, que mora em Salvador agora. Eu e ele na casa de Pepino, o Luiz Alberto, que gostava dos temas que eu tirava, que eu fui desenvolvendo: o forró foi o início, para me interessar pelo instrumento. Estudei no Centro Integrado, em 1970, e tive aula de música. Fui trabalhar em São Paulo e, quando voltei, já tocava alguma coisa do Dylan. Nessa época, Mac Donald tinha um bar chamado Pôr-do-Sol, e chamava a mim e ao Arô para fazer uma dupla.

@memoriasudoeste - ***Foi esta a gênese da SS-433?***

Mazinho - O Arô e o Pepino me incentivavam muito. O nome da banda veio porque ele (Arô) era meio esotérico. Nunca imaginei que poderia encontrar músicos aí. Eu tinha acho que 21 anos, fomos fazer um som no Carlos Jehovah, e falei, no palco: “vamos fazer um som que acho que quase ninguém aqui na cidade conhece ou talvez não pratique, porque gosta de música de raízes, mas eu, particularmente, gosto muito de rock n’ roll, então vou fazer um blues aqui”. Aí, lá no meio da platéia, tinha um sujeito que falou: “eu conheço blues sim!”, e era o Kako Santana, que morava em Ipiaú, e aí é que a gente começou a se interessar mesmo em fazer uma banda. Minha primeira foi o SS-433, com o Arô, o Kako, e as composições dele, que toco até hoje, porque são atemporais. E eu achei super legal isso, aquela correria de sair pichando os muros da cidade…

@memoriasudoeste - Como foi gravar um vinil àquela época?

Mazinho - Fomos a São Paulo gravar, em 1984. Em Conquista não tinha banda de blues, era uma coisa marginalizada, mas existia um respeito dos músicos de raiz com a gente. Depois apareceram bandas como a Depressivos, que era de punk. Eu gostava pra caramba. Eu era gerente de banco em São Paulo. Quando gravamos *Jane Furacão*, ela caiu nas mãos de um diretor da CBS chamado Maluly, e eles estavam pegando uma galera lá. E fomos lá, com o disco debaixo do braço, falar com ele... ***[continua na página 13]***

O Cine Madrigal, provavelmente em 1998 (Foto: autor desconhecido)

WIGWAM: a memória musical do Cine Madrigal

Em Vitória da Conquista existiu, para aqueles que, como eu, nasceram até a década de 80, um lugar especial, responsável pela criação de diversas memórias afetivas, especialmente de infância: falo do Cine Madrigal, o último cinema de rua da cidade. Inaugurado em 1968, funcionou até 2001, sendo reaberto no ano seguinte para, então, fechar as portas definitivamente em 2007, como reflexo de uma crise que aplacou os cinemas do gênero em todo o país.

Minha lembrança mais antiga de um cinema foi justamente no Madrigal, para assistir *Os Heróis Trapalhões* (1988), com meu pai. Daí em diante, foram incontáveis as vezes em que subi aquela ladeirinha mágica em direção à sala de projeção. Aqui começa uma das memórias musicais mais marcantes da história da cidade: antes de começarem os trailers, era executada uma música instrumental, que servia para avisar a todos os que ainda compravam pipoca ou conversavam à sala de espera, que chegara a hora de procurar seus lugares: o filme iria começar!

A música original foi composta por Bob Dylan e lançada no álbum *Self Portrait* (1970). Inicialmente trazia uma versão bem simples, gravada em março de 1970 em Nova Iorque, com violão, piano e o próprio Dylan solfejando a melodia. Pouco depois, o produtor Bob Johnston adicionou metais e bateria, sendo esta a versão que entrou para o disco. A original chegou a ser lançada como single e, posteriormente, na coletânea *The Bootleg Series Vol. 10 - Another Self Portrait* (1969-1971). A música conseguiu grande sucesso, alcançando o top 10 em diversos países da Europa, ganhando, inclusive, uma versão em alemão, gravada por Drafi Deutscher, que chegou ao top 20 na Alemanha naquele mesmo ano.

Já a *versão do Madrigal* foi gravada pelo grupo paulista Os Carbonos, formado nos anos 60. Era uma das chamadas *bandas de estúdio*, sem-

pre contratadas para gravar instrumentais para artistas famosos ou mesmo para chamadas de televisão e rádio. Os Carbonos chegaram a gravar com nomes como Wanderley Cardoso, Morris Albert, João Mineiro & Marciano, Gilliard, Gal Costa, Leandro & Leonardo, Zezé di Camargo & Luciano. Outras bandas que também se tornaram conhecidas por trabalhos semelhantes foram Renato e Seus Blue Caps, The Fevers e Roupa Nova. Geralmente esses músicos eram chamados para prestar tal serviço e não tinham seus nomes creditados nos encartes dos discos.

Outra característica marcante da época era o fato de, constantemente, os músicos/bandas trocarem seus nomes, especialmente para conquistar o público interessado em música estrangeira. Os Carbonos usaram diversos pseudônimos, como Makenzie Group, Andróides, Carbono 14 e, finalmente, The Magnetic Sounds, quando gravaram *Wigwam*, que, por sinal, é um dos nomes de uma espécie de oca cerimonial usada pelos nativos norte-americanos.

Assim, esta foi a trajetória desta bela música, de Nova Iorque até o imaginário musical e cinematográfico de Vitória da Conquista. O cine Madrigal foi adquirido pela Prefeitura Municipal em 2014, mas, até o momento, permanece fechado. Discussões já foram feitas em direção a uma reabertura, não apenas voltada ao cinema, mas também ao teatro e a música, como um centro cultural municipal. ■

LEIA+

A memória da música em Vitória da Conquista: uma herança religiosa e familiar

Resumo

Neste trabalho apresentaremos como a memória da música em Vitória da Conquista esteve associada a uma herança religiosa e familiar. Baseamo-nos na pesquisa *Meio Século de História e Memória da Música em Vitória da Conquista: uma herança religiosa e familiar (1950-2000)*, cuja investigação apontou como as instituições musicais possibilitaram a formação musical de muitas pessoas, inseridas ou não na comunidade religiosa, visto o papel que algumas instituições (igrejas, conservatórios, filarmônicas, etc.) exerceram na formação musical de determinados grupos em Vitória da Conquista. Nesse contexto, é importante apresentar as duas escolas de música que foram estudadas, como a de Dona Nair Borges de Oliveira e a de Dona Almerinda Figueira de Oliveira. Constatamos que embora estas professoras tenham sido responsáveis pela aprendizagem musical na cidade, a escola administrada por Dona Nair deixou poucos discípulos, ao contrário da escola administrada por Dona Almerinda, que permitiu uma imensa cadeia sucessória. Por conta disso, tomaremos como grupo de análise nesta comunicação, a Família Gusmão Figueira, tendo como figura central Dona Almerinda Gusmão Figueira de Oliveira. Por fim, entrecruzamos os dados coletados a partir de fontes orais e documentais, como jornais, fotografias e revistas, à luz da teoria da memória, que nos fez perceber que o cenário em torno da música na cidade neste período, fazia parte de um todo muito maior e construído de forma coletiva, guardado por sujeitos unidos pelo tríplice liame: música, igreja e família. ■

(texto original, pelas autoras)

Autoras: Priscila Correia de Sousa Carneiro; Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro
Publicação: 2015
Leia na íntegra em: https://bit.ly/3Hrerr6 (pdf)

Capa

Evandro Correia. (Foto: divulgação)

Qual a sua reação instintiva ao se deparar, de alguma forma, com uma música completamente desconhecida? Tende à rejeição automática ou à curiosidade? Não seria exagero imaginar que sua resposta, muito provavelmente, se for sincera, se inclinará à primeira alternativa, o que pode soar natural para alguns e incômodo para outros, em especial os autointitulados "amantes da boa música". A rejeição ao novo parece ser natural ao ser humano, e aqui reside o principal obstáculo aos músicos autorais independentes (leia-se, por "independente", aqueles que não possuem o apoio de grandes conglomerados empresariais, incluindo veículos midiáticos amplamente difundidos, como a TV aberta, o rádio FM, jornais e revistas impressos de grande circulação): se fazer escutar… Por você!

"Música autoral" é aquela composta pelo artista que também a interpreta. Também pode ser chamada de "música original". Seu contraponto é a música "cover" (do inglês "cover song"), a música interpretada por um artista que não a compôs e nem foi o primeiro a gravá-la ou executá-la publicamente. Assim, um fator essencial para classificar uma música como "cover" ou "autoral" é quem a toca àquele momento: se o músico paulistano Nando Reis toca a canção "O segundo sol", trata-se de uma música autoral. Se o cantor Kessller a toca, temos um "'cover' de Nando Reis" executado (ou mesmo gravado) por esse artista local. Os termos "autoral" e "cover" também se referem a artistas enquanto conceito, de acordo com a maior ou menor presença de músicas originais no repertório: "banda cover", "banda autoral", "cantor autoral", "cantor-intérprete", etc.

A região sudoeste da Bahia acostumou-se a receber alcunhas como "celeiro de grandes artistas", em referência a décadas de grandes feitos, em especial a partir dos primeiros lançamentos fonográficos (álbuns) de Elomar e Xangai, na década de 1970, que parecem ter exercido forte influência sobre os músicos locais. Desde então, gerações de músicos inspiraram-se em mostrar suas impressões do mundo sob a forma de arte. Aqui nos voltamos especificamente à música.

A partir da década de 1980, tornou-se relativamente comum a presença de cantores autorais da região em festivais competitivos pelo país: nomes como Evandro Correia, Papalo Monteiro, Gutemberg Vieira, Geslaney Brito e Andréa Cleoni circulavam em meio à musicalidade proposta/imposta pelas grandes gravadoras, com seus artistas autorais também em suas próprias batalhas pela nossa atenção e gosto. Não nos limitando apenas à chamada "música regional", gêneros "estrangeiros" como o rock e o reggae também apresentavam suas criações, representados por nomes como SS-433, ÑRÜ, Renegados, Ladrões de Vinil, Ramanaia, dentre outra infinidade.

Façamos, então, um pequeno esforço de reflexão: por que as pessoas compõem músicas? Ora, pensemos, primeiro, sobre o que seria arte. A arte, grosso modo e em poucas palavras, seria uma forma sofisticada de expressão humana. As pessoas, enquanto seres sociais, coletivos, sentem uma natural necessidade de expressar o que pensam e sentem, em relação ao mundo que os rodeia. A arte, em seus inúmeros formatos

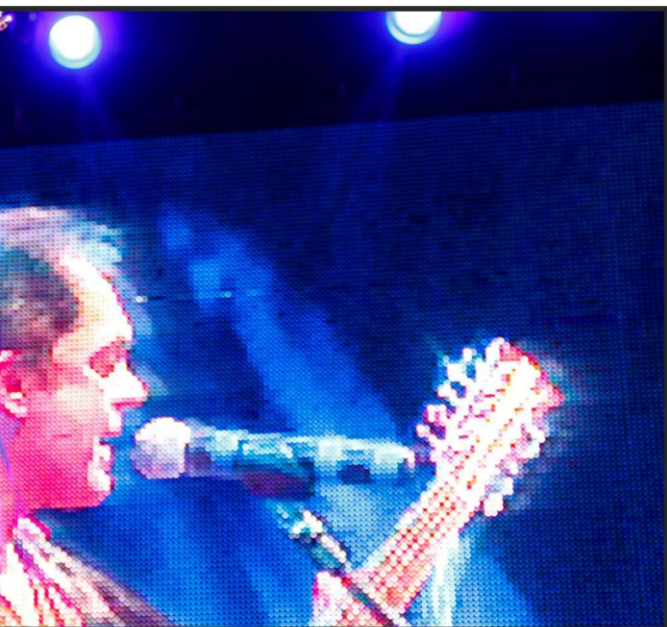
(música, pintura, escultura, poesia, etc.), nada mais é que uma resposta individual ou coletiva ao ambiente que, por sua vez, pode ou não responder de volta demonstrando ser, ao mesmo tempo, um agente influenciador e influenciado. Um país marcado por injustiças e violência, por exemplo, certamente terá esses temas expressos por seus artistas. Logo, consideramos a arte como uma forma "sofisticada" de expressão porque demanda alguma técnica/habilidade específica e método, como saber dedilhar um violão, construir estrofes ou moldar argila, ao contrário de formas mais simples, como os gestos e palavras cotidianos. Arte é expressão + técnica + estética. Música é, antes de tudo, arte.

Portanto, a mesma força que move um astro do *mainstream* a se debruçar para criar uma música nova age sobre o artista independente, que não conhece a fama e pode muito bem ser um de seus vizinhos ou colegas. Bem, talvez não com as mesmas cifras envolvidas, mas todos oferecem, em suas composições, o que há em seus pensamentos. Suas inquietações, desabafos, alegrias e tristezas. A música autoral diz muito sobre quem a escreve e sobre quando e onde se escreve. Nos artistas regionais e no forró, é comum a retratação do ambiente rural e seu cotidiano. No rock, o espaço representado costuma ser essencialmente urbano. Isto, claro, em regra: há muitas exceções.

O fato é que, atualmente, percebemos, nas redes sociais, uma verdadeira "enxurrada" dos chamados "shows-tributo". Geralmente os artistas homenageados são antigos, remetendo a uma explícita busca pela nostalgia. Música também é memória, e a nostalgia é uma representação "romantizada", essencialmente positiva da memória. Logo, assistir a um "show-tributo" a um artista ou banda que você adorava na adolescência cer-

Música A
Termômetro dos

tamente será uma experiência agradável, sobretudo se estiver acompanhado de velhos amigos. O grande circuito de bares e eventos da região, claro, percebem e incentivam, exaustivamente, esta tendência, que pode render bons lucros, muito bem-vindos em tempos tão difíceis. Os inúmeros músicos disponíveis, profissionais ou não, atendem a essa demanda. Quanto mais alimentarem a "onda nostálgica", mais apresentações farão e mais contas serão pagas. Como bem diz o meme, "errado não tá".

A grande questão é: se a música cover, ampliada sob o formato "show-tributo" é incentivada, conforme dissemos, "à exaustão", a música autoral é propositadamente posta de lado, sendo desestimulada. "O músico deve tocar o que o povo quer ouvir", uma das mais repetidas frases no ambiente de bares e eventos. Correto. Mas o que ouviríamos hoje se o artista que atualmente é homenageado tivesse cedido, na mesma medida, a esta mesma premissa? Quem criaria as músicas que compõem o repertório do show-tributo? O que seria de Raul Seixas se ele tivesse se limitado a imitar Elvis em sua juventude? Quem grita-

Paulo Macedo. (Foto: Anderson Cleiton)

Autoral: tempos e espaços

ria "toca Raul" hoje? Quantos Rauls, Elomares, Caetanos, Beatles, Pink Floyds atuais "matamos" por ano ao lhes ceifarmos a chance de mostrar suas próprias composições?

Retornando ao início do texto, a negação imediata e involuntária ao desconhecido é uma característica natural humana, inclusive também observável nos outros animais. Porém, o ser humano assumiu, quando da sua desvinculação do "estado natural" em direção à "civilização", a difícil tarefa da busca pela racionalidade, ou seja: rejeitar os instintos e impulsos "automáticos" para agir conscientemente. Em nosso contexto, isso pode ser traduzido em um simples "abrir de mente" para o novo. "Vou escutar o que este artista desconhecido tem a dizer". E ainda mais: mesmo artistas de renome sofrem com a insistência do público em escutar sempre as mesmas canções de "sucesso", sem abertura para suas composições atuais. O mesmo compositor que pode ser considerado um gênio por suas criações durante a juventude pode não conseguir mostrar aos seus fãs o resultado de um amadurecimento de décadas, capaz de melhorar em muito suas percepções de mundo e, consequentemente, a qualidade e profundidade de sua obra. Todos se consideram mais preparados para a vida hoje que ontem. Mas o artista de carreira parece seguir, no imaginário geral, o caminho inverso, o que nos soa, no mínimo, curioso.

Do ponto de vista de um historiador ou simples pesquisador curioso, as canções autorais são eficazes "termômetros" de suas épocas e lugares. Não à toa, para mais um exemplo clichê, as músicas do período militar são aclamadas por sua profundidade, dando-nos pistas sobre abusos, medos e outras nuances da época e do espaço, inclusive através dos verdadeiros "malabarismos" poéticos para "driblar" a censura. Sem dúvida, um momento cultural, histórico e sociológico riquíssimo da nossa história, o que se prova pela incontável quantidade de estudos publicados sobre o tema. Isso porque, relembremos, a música, enquanto arte, é fruto das paixões e inquietações das pessoas, expressas de forma criativa e sofisticada. Podemos, também, traçar um conglomerado de características do período imediatamente posterior (final da década de 1980 e toda a década de 1990), como uma verdadeira "overdose de liberdade de expressão", através das músicas amplamente veiculadas pela mídia convencional. "Quebra, ordinária!" substituiu, muito eficientemente, o "ordinário, marche!". Outras músicas também criticavam,

> "A arte tem esse papel, seja para denunciar ou para falar que está tudo bem. Mas não está de passagem: é algo que transforma mesmo. Algo vivo. Você passa por muitos momentos em que a arte lhe sustenta." (Papalo Monteiro)[1]

abertamente, essas tantas. As críticas de valor ficam por conta do freguês, especialmente se pensarmos a música massiva atual. Do ponto de vista do pesquisador, é tudo uma gigantesca fonte de dados.

Mas, se vivemos uma espécie de "crise" da música autoral, como saber o que pensa o artista atual? Ficará mesmo apenas por conta dos artistas "de mídia" traçar o perfil dos nossos tempos? Não, se passarmos a viver um pouco menos de nostalgia e dar, aos artistas independentes atuais (e, consequentemente a nós mesmos), a oportunidade de falar. O suposto silêncio desses artistas diz, sim, muito sobre nossos tempos. Não é contraditório, em uma era onde a liberdade de expressão é protegida pela Constituição, algo tão caro em nossa história enquanto país, não termos acesso ao que dizem os compositores não-comerciais e que vivem tão perto de nós? E por puro desinteresse/desestímulo? O que diriam, sobre isso, os artistas homenageados nos inúmeros shows-tributo atuais? Aos que aceitam a premissa de que não há mais música de qualidade, informamos: não apenas isso é uma grande falácia, como essa música é mais democrática e abundante que outrora. Não é mais preciso aguardar por um sonhado "caça-talentos" de uma grande gravadora para um artista "passar a existir". Os avanços tecnológicos permitem que os artistas consigam se autoproduzir com alta qualidade, sem sair de casa, nem gastar rios de dinheiro com softwares de gravação, tampouco pagar os famosos "jabás" para sua música ser tocada em algum lugar. Se antes, você só tinha acesso aos artistas "adotados" pelos figurões das gravadoras (o que, em si, não é nem um pouco democrático), hoje, grande parte desses artistas está na mesma plataforma de *streaming* que os gigantes de hoje e de ontem. Só não há a mesma quantia investida em publicidade, para que apareçam de cinco em cinco minutos em qualquer que seja o aparelho com tela que você use.

> "Assim como a educação, a música entra como um veículo para tentar viabilizar uma maneira de ajudar as pessoas. Tentar formar, transformar e informar." (Gutemba)[1]

Ladrões de Vinil. (Foto: Prefeitura Mun. de Vit. da Conquista)

Toca autoral!

Passemos, a partir de agora, a agir de forma mais consciente e menos autômata: quando vir um músico em um palco qualquer, resista ao meme "toca Raul!" (repetido, atualmente, nos mesmos moldes das camisetas dos Ramones, usadas massivamente por pessoas que sequer sabem que se trata de uma banda), e grite: "toca autoral!". Posso apostar que ele vai gostar. Aproveite para incentivar o contratante (o dono do bar, por exemplo) a colocar mais música autoral na programação. Se gostou do som, veja se o artista lançou algo por aí. A internet é um universo. E, claro, continue frequentando os shows-tributo, afinal, música também é diversão. Só não se esqueça de que todos nós vivemos no tempo presente. Deixe para nós, os historiadores, essa história de "viver só de passado" (contém ironia). ■

> "Eu acho que não há escolha: como você pode ser um artista e não refletir os tempos? Essa, pra mim, é a definição de um artista." (Nina Simone)

[1] Frases retiradas da série *Prefácio* (2022), de Daniel Leite Almeida, disponível gratuitamente na plataforma Globoplay.

Memórias de um roqueiro conquistense #01

Não lembro exatamente o ano em que comecei a me envolver com o rock conquistense. Durante parte da adolescência (1996 a 1998), quando estudava no Colégio Paulo VI , meu grupo de amigos era pequeno, e tínhamos alguns gostos musicais em comum: Guns n' Roses era unânime, mas eu era o único que gostava de Dire Straits (herança musical do meu tio Robson, durante a infância), dividia o gosto por The Police e Men at Work com um, Bon Jovi, Scorpions com outro, Legião Urbana e Raul Seixas, idem. Raul, por sinal, desde os 14 anos, era considerado o meu pai musical. Ele sempre esteve num alto pedestal para mim no Brasil, e nomes como Led Zeppelin, no pedestal gringo. Eu colecionava fitas *K-7*, a maioria pirata, daquelas que todo mundo comprava nos camelôs das alamedas próximas ao terminal de ônibus. Lembro de ter umas treze fitas diferentes de Raul. Na minha sala, na oitava série (atual 9º ano), lembro de haver outro grupo de garotos que eram fãs dele, mas era um grupo *rival*: não nos misturávamos. Esse era o meu contato com o rock nessa época: praticamente solitário. Eu era o típico adolescente que se trancava no quarto para ouvir música, colar pôsteres na parede e escrever coisas. Foi, aliás, quando despertei para uma característica (durante MUITO tempo encarada como defeito) bastante pessoal: encarar a solidão como algo natural e agradável que, décadas depois, foi expressa de forma mais amadurecida na música *Ame a Solidão*[1].

Algum tempo depois, entre um a dois anos, um daqueles meus amigos, Jamilton, me apresentou a uns garotos que moravam ao lado do Paulo VI, onde hoje seria em frente à entrada principal. Jamilton morava um pouco acima. Eles tocavam violão, tinham pôsteres de bandas que eu ainda não conhecia, e conversavam com muita cumplicidade sobre o rock com outros até então desconhecidos. Era um universo completamente novo para mim: aquela era uma turma muito mais amigável que as do colégio, sem aquela carga pesada de brigas e antipatias acumulada pelos sucessivos anos escolares (o que já tornava meu pequeno grupo uma espécie de refúgio a todos os membros, que aparentemente também não se encaixavam bem em nenhum outro). Passei a frequentar essa turma. Aqueles garotos da casa se chamam Darlan e Bruno e são irmãos. Pertenciam a uma banda chamada A-Divert, a primeiríssima que tive contato tão de perto e, por muita sorte, uma das pouquíssimas bandas autorais autorais da cidade àquele momento, possivelmente 1999 ou 2000. Pela primeira vez na vida vi alguém de carne e osso (leia-se alguém da minha idade, no mesmo patamar que o meu) tocando bem um instrumento musical. Na verdade, foi nessa época que eu vi uma guitarra, um baixo, uma bateria de perto pela primeira vez.

Meu interesse se deu por dois motivos: 1) eu era roqueiro desde sempre e não sabia; 2) Com aproximadamente 14 anos, meu seleto grupinho escolar de amigos decidiu montar uma banda, mesmo sem saber tocar nada. A ideia seria todos aprenderem juntos, como os Titãs e outras bandas icônicas fizeram. Não sei por que, mas me elegeram como baixista e vocalista dessa banda, mesmo sem eu nunca ter cantado na frente de alguém antes. O modelo era o Guns n' Roses. O que ficou encarregado de ser guitarrista solo aprendeu a tocar violão, os outros dois nunca levaram a sério e eu fiquei com aquela ideia na cabeça (onde diabos arrumaria dinheiro para comprar um contrabaixo?). Passei a pesquisar sobre contrabaixos na recém chegada internet discada (imprimi vários sites naquela velha e lerdíssima HP jato de tinta), ficava encantado ao passar numa loja de instrumentos na rua do Madrigal e ver aquele inal-

cançável e caro (caríssimo!) sonho pendurado na vitrine. Sobre cantar, eu sempre acompanhava as músicas em meu quarto, de forma disfarçada: o som ficava alto, eu acompanhava cantando junto e mais baixo, para que ninguém de fora escutasse. Tímido demais pra ser flagrado cantando. Assim, sem querer, aprendi a cantar afinado e a descobrir minha extensão vocal, mesmo sem fazer a mínima ideia sequer de que isso existisse. Ao chegar naquele universo de garotos-músicos, fui automaticamente atraído.

A região do bairro Brasil era repleta de roqueiros, e todos se conheciam. A música unia pessoas. Muitas amizades, namoros, casamentos e parcerias surgiram nesses burburinhos nas portas e quartos uns dos outros. Os *VHS* de shows eram compartilhados constantemente. Por sinal, havia as locadoras de vídeo e de CD. No bairro Brasil, me lembro da Trans Vídeo, próximo à feirinha, uma mais embaixo, e outra, que também não lembro o nome, na Avenida Brumado, em frente ao atual Centro Cultural Glauber Rocha. Aqueles shows do Guns n' Roses no Japão eram um momento de êxtase para um adolescente vivenciar em grupos vestidos de preto nos quartos de um ou outro membro. Alguns tinham dois videocassetes, então, as valiosas cópias surgiam de forma muito bem vinda. As locadoras de CD eram mais raras. Lembro de uma entre a Praça da Normal e a Praça do Gil, com um acervo considerável, chamada *Hot Line.* De vez em quando dava para juntar uma grana e comprar alguns arranhados e sem capa por um preço bom (para um moleque). Assim, discos de Eric Clapton, Led Zeppelin, Yardbirds se transformavam em fitas *K-7*, aumentando o repertório de toda uma geração.

Um outro fenômeno maravilhoso para mim foi o universo das bandas. Como já disse, conheci o pessoal da A-Divert (nome genial e dúbio que traduzia realmente a mensagem básica do grupo), formada por Leo Gama (chamado de Chip à época) na voz, Darlan Barbosa na guitarra, Daniel Mendes na guitarra, Bruno Barbosa no baixo e Fabiano Harada (Japon) na bateria. Chip era o poeta do grupo: lembro de ver algumas letras autorais escritas em máquina de escrever num fichário ou pasta, e essas eram as músicas da banda. Isso me chamou muito a atenção à época, como se fosse um *veja: assim é uma banda: organizada, com tudo documentado*. Darlan era louco por bandas como Dream Theater e Angra, com guitarristas de *palhetada rápida* (ouvia muito essa expressão nesse período). Daniel era bem introspectivo: nunca tive muita conversa com ele, mas parecia legal. Morava na Vila Serrana II, se não me engano. Uma vez ele me deu um CD duplo do The Police, que tenho até hoje. Mudou-se para a Inglaterra um tempo depois. Bruno curtia hard rock, como Darlan, mas também o rock nacional. Uma vez, escrevemos juntos uma paródia de *Fátima* (Capital Inicial) na calçada de sua casa. Japon era primo de Darlan e Bruno. Mais velho, já era professor de matemática, gostava de filosofia e história. Teve um papel especial em minha trajetória, como falarei mais adiante.

A banda fazia ensaios regularmente em estúdios próprios para isso. Sempre que possível, lá estava eu, assistindo tudo de camarote e absorvendo todo aquele aprendizado como uma esponja. Os estúdios eram templos do rock conquistense: geralmente criados por membros de bandas e improvisados em algum ponto comercial provavelmente não utilizado pela família ou algo do tipo. Tudo era MUITO improvisado: alguns tinham bateria (obviamente, muitos bateristas não tinham bateria), com pratos e peles em pedaços, caixas de som sofríveis, microfones idem (quando tinha algum funcionando) e paredes revestidas por caixas de ovos. Tudo extremamente tosco, mas foi o suficiente para criar uma cena musical de verdade. Sempre alguém levava bebida, e os ensaios eram uma barulhenta celebração ao rock n' roll. Nesses locais eram preparados os lendários shows do início do século XXI em Conquista. Lembro-me de alguns, como o estúdio da banda Parrázio (Urbis II) e o da Mictian (Brasil), que nem se chamava Mictian ainda. Alguns ensaios aconteciam também em casas, como a República da Fumaça (Urbis I).

Houve um período em que a A-Divert ensaiava na casa de Pablo Couto (atual banda de forró Fiá Paví), em algum lugar às margens da Av. Olívia Flores, num quarto nos fundos. Eu fui uma ou duas vezes. Como disse, em casa, trancado no quarto, eu tentava acompanhar as músicas cantando, de uma forma que a minha voz se

misturasse/confundisse com a gravação, para que ninguém me notasse cantando. Fui pegando o jeito bem aos poucos. Num desses ensaios, no intervalo, alguém começou a tocar *Cowboy Fora da Lei* ao violão, no jardim. Eu criei coragem e cantei junto. Nessa, percebi que Japon observava a cena. Algum tempo depois, toca a campainha em minha casa, na Vila Serrana I. Era Japon e mais alguém. Talvez Bruno e Ninildo, um cara que sempre estava por perto, mas não era músico. Disseram que a banda brigou e Chip havia saído. Estavam... Me convidando... Para substituí-lo! (!!!)

Foi uma conversa longa. Lembro de algumas frases, como "é algo que você gosta e sabe fazer, não vai te atrapalhar", coisas mais ou menos assim. Enfim, topei. Fui ao primeiro ensaio, ainda na casa de Pablo. Eu estava em pânico. Cantei muito mal (aquecimento vocal era algo que nunca tinha chegado perto de ouvir falar). Fiquei com tanta vergonha, que estiquei o cabo do microfone (nunca tinha sequer pegado em um antes, nem para saber qual o peso) ao máximo e fiquei fora do ambiente onde estava o resto da banda, com medo de vê-los torcer o nariz. Lembro também de ouvir Pablo dizer: "Vei, tá feio. Tá feio!". Na saída, estava acontecendo alguma festa de rua na Olívia, talvez uma micareta e, ao encontrarmos pessoas desconhecidas, Japon me apresentava como o novo vocalista. Bem, o pânico foi grande, a coisa não deu certo e não passou daquele ensaio. Não me lembro se Chip voltou ou se foi logo depois disso que Japon passou aos vocais. Ele chegou a cantar na Festa da Babilônia II, ao lado do estacionamento do Bradesco, em frente ao Cine Madrigal. Teve *Samba Maioral* e *Sociedade Alternativa* no repertório, e briga de correntes na rua. Essa festa aconteceu em 16 de março de 2002, logo, esse episódio do ensaio aconteceu, possivelmente, no final de 2001.

O fato que ficou marcado para sempre é: Japon foi a primeira pessoa que viu em mim algum potencial musical. Eu até pensava que levava jeito, sem ter ideia do quão cru era, mas sempre fui muito crítico quanto às minhas próprias ideias: até que ponto algo era real ou não passava de mais uma viagem de minha sonhadora cabeça? Bem, ele, ao me convidar para assumir o vocal principal de uma banda que eu admirava tanto, destravou a primeira barreira mental dentre as muitas existentes na cabeça de alguém extremamente tímido, mas cheio de ideias. A A-Divert, infelizmente, nunca chegou a gravar suas músicas. Para mim, ainda hoje, era a melhor banda de Vitória da Conquista e seu fim foi o maior desperdício daquela metade da década.

Cenas dos próximos capítulos [no site]: mais bandas e shows, os programas de rádio e o crescimento da cena roqueira da cidade na primeira metade dos anos 2000. ■

Agora é a sua vez: envie-nos sua história através dos contatos à página 2. Ela poderá ser publicada na próxima edição, ou em nosso site. Não é preciso ser músico. O tema pode ser, por exemplo, sua relação com o rádio, algum show que assistiu, dentre outros.

[continuação da página 4] ...na Avenida Paulista, no Colégio Objetivo, mas batemos na trave: entrou *Sonífera Ilha*, e a gente não, mas continuamos fazendo o som. Convidei duas amigas para fazer *backing vocal*, a Aline Joint e a Rita Killer. Foi a época que o RPM estava lançando *Loiras Geladas*. Um pouco antes, tínhamos um show marcado no Bixiga, no 710 Bar, e o Isaac tinha desaparecido. Uma das meninas disse conhecer um batera bom, o Paulo PA, falecido há pouco tempo, era o baterista do RPM, que ainda não havia estourado, e o Paulo PA fez vários shows com a gente. Foi bem legal essa fase em São Paulo. Depois que o SS-433 acabou, as músicas foram melhorando e eu mudei o nome da banda. Em 99, montei o Dragster. Antes teve outra banda, a On Jack Tall Back, mas sempre nessa linha. Eu não queria deixar de tocar minhas músicas. Era gerente de banco, mas o rock n' roll sempre na veia.

@memoriasudoeste - ***Quando você aparece novamente por aqui?***

Mazinho - Pretendo passar 30 dias aí em 2023 e gostaria de fazer mais um Rock Contra a Fome: trazer bons músicos, ver se o Arô vem e fazer o som novamente. Essa é a intenção. ■

Release

Bruno Lima

Foto: Juan Domingues

O cantor, compositor e violonista brumadense começou sua carreira em 2007. Após uma temporada em Vitória da Conquista e São Paulo finalizou, em janeiro de 2013, o CD *Autofagia*, contendo onze músicas. Esse primeiro registro musical permite conhecer um pouco de seu trabalho autoral, que tem como influência nomes como: Gilberto Gil, Lenine, Chico César, Jorge Ben, Luiz Gonzaga, dentre outros.

O músico traz em seu show um repertório de músicas próprias e experimenta novas interpretações para canções da MPB. Em sua passagem por São Paulo compôs a música *O que move é o querer*, vencedora do primeiro festival da Etec de Artes e gravada por Joab e os Retalhos. Além do trabalho solo, Bruno também é um dos integrantes e idealizadores da banda de forró Curiscada, formada ao final de 2017 em Lençóis, na Chapada Diamantina.

Assista!

Xangai em "Cantingueiros"

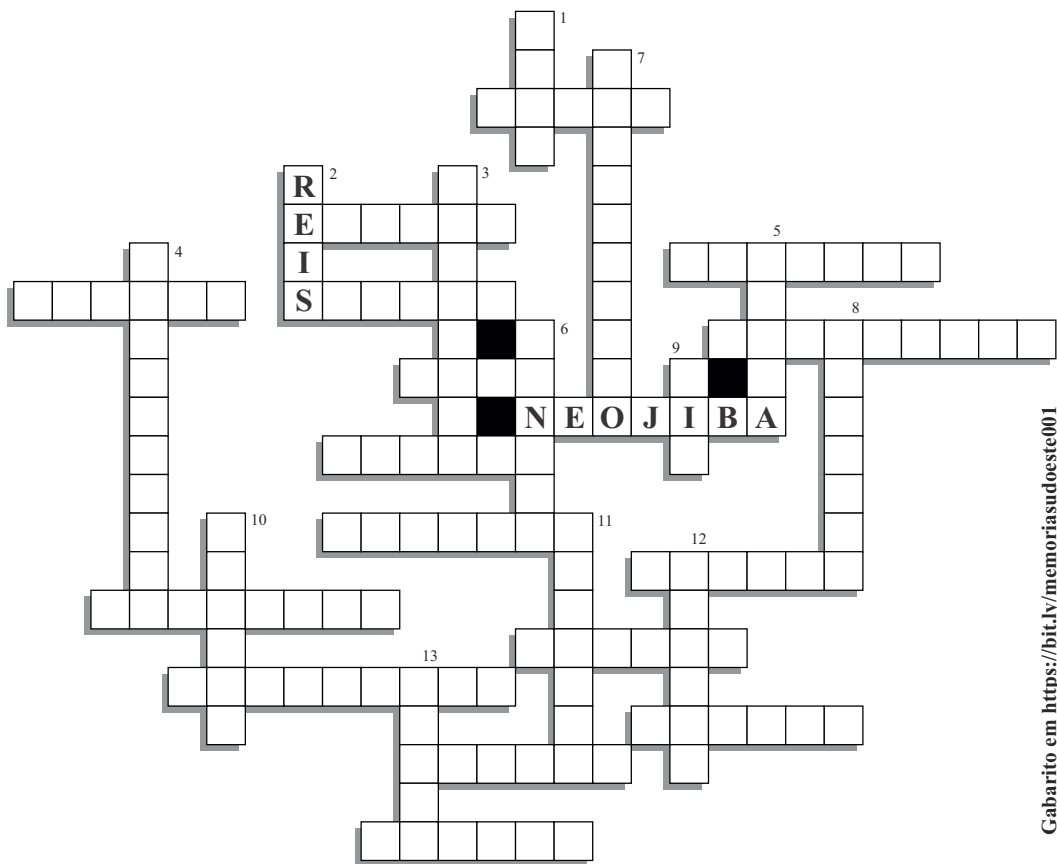
Imagem: reprodução

Produção: 2017
Realização: Luz das Artes
Co-produção: Maracujá Cultural; 2N Audiovisual
Patrocínio: Natural Musical e Governo da Bahia

Entre agosto e setembro de 2007 foi lançada, no YouTube, *Xangai em "Cantingueiros"*, série em quatro capítulos semanais, gravados durante dez dias de abril do mesmo ano, no Sítio Ponta da Torta, em Santo Amaro. O título, autoexplicativo, resume esta bela homenagem à figura do cantador caatingueiro, típico da nossa região. Cada episódio, com pouco menos de 30 minutos de duração, é dedicado a um grande ícone, abordado com maestria pelo ilustre protagonista, com a participação de dois dos homenageados: Bule-Bule e Mateus Aleluia. A série também gerou um álbum com doze canções, sendo três de cada personagem, já disponível nas plataformas de *streaming* e, surpreendentemente (para os tempos atuais), lançado também em mídia física (CD). Trata-se de um tesouro audiovisual de nossa cultura, disponibilizado gratuitamente. O website oficial não mais é acessível, restando a página no Facebook e o canal oficial no YouTube, contendo todos os vídeos e faixas musicais.

Episódio 1: "Da Origem ao Popular" - Bule Bule; Episódio 2: "O recôncavo afro baiano" - Mateus Aleluia; Episódio 3: " O cronista" - Gordurinha; Episódio 4: "O Bode e o Cantador" - Elomar.

Link de acesso: https://bit.ly/xangaiserie

Palavras cruzadas

VERTICAIS **1)** Gilmara [...], cantora mirim conquistense (década de 1990), hoje Gil Ferraz; **2)** **Terno de [...], manifestação musical religiosa e folclórica da região**; **3)** Banda conquistense de reggae; **4)** Programa radialístico matutino comandado por Jânio Arapiranga; **5)** Larissa [...], vocalista da banda Liatris; **6)** [...] *da Vida*, poesia de Jean Cláudio, musicada e lançada em 1991 por Evandro Correia; **7)** [...] Blue, banda conquistense de blues; **8)** [...] Avelino, o cantador Xangai; **9)** Festival de Inverno Bahia, iniciado em 2005; **10)** *Venha e traga meu* [...], canção do brumadense Bruno Lima; **11)** Shau [...], cantor e compositor jequieense; **12)** [...] Assis, baixista da banda SS-433; **13)** Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima, inaugurado em 1987. **HORIZONTAIS** ● Banda de Música Maestro Walter de Santa Rosa, do [...]; ● [...] Mão Branca, forrozeiro macaraniense; ● Cidade-natal da banda 5 Contra 1; ● Festival da [...] trouxe, em três edições, música, palestras e outras comunicações; ● Ruídos do [...], festival de metal produzido e realizado em Poções; ● Emílio [...], conhecido percussionista jussiapense, reside em Conquista desde a década de 1970; ● **Programa [...], criado em 2007 pelo pianista, educador, regente e gestor cultural Ricardo Castro**; ● [...] Bar, espaço "alternativo" fechado em 2008; ● [...], canção da jequieense Iracema Miller; ● [...] Monteiro, compositor e cantador conquistense; ● Alisson Menezes e a [...], grupo musical conquistense; ● Projeto [...], da TV Sudoeste, reuniu grandes músicos na década de 2000; ● "Tudo bem, tudo [...]", *slogan* da Rádio FM 100,1 (década de 1990); ● Miguel [...], grande articulador da cena rock conquistense; ● [...] Barros, autor das canções lançadas no EP *Primeiro Querer* (1991); ● Andréa [...], cantora, compositora e educadora mineira, residente em Conquista. ● O poeta conquistense Carlos [...] (1944-2021) dá nome a importante espaço cultural público inaugurado em 1982.

Distribuição gratuita - Ano I Nº 01 - Julho de 2022

NESTA EDIÇÃO:

Todos os textos por Plácido Oliveira Mendes, exceto quando indicado
Versão digital e mais informações em: https://bit.ly/zinememoria001

Edição digital
Para imprimir, utilize a versão específica para impressão, no mesmo link acima.